

Cenário Festivo Afroamazônida Brasileiro: a Folia de São Benedito na Comunidade Quilombola Silêncio em Óbidos-Pará

Itamar Rodrigues Paulino *

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0001-5058-8998>

Elian Karine Serrão da Silva **

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-3332-359X>

Resumo: Em diversas comunidades afroamazônidas, há fatores originários do continente africano, que se recompuseram e ganharam novos acessórios durante processos de adaptação desses povos que chegaram à Amazônia no período escravocrata brasileiro. Os cenários culturais das comunidades remanescentes de quilombos na Amazônia podem ser apresentados a partir da relação entre cultura, identidade e memória, temas importantes para o registro e incentivo à preservação das performances culturais afrodescendentes. Neste sentido, o objetivo deste artigo é apresentar uma dessas performances que ocorre na Comunidade Remanescente de Quilombo Silêncio, no município de Óbidos, que fica no estado do Pará, e, assim, contribuir para o registro e preservação desta cultura. A pesquisa foi desenvolvida em três momentos. Primeiramente, realizamos o levantamento bibliográfico e o aprofundamento do referencial teórico. Em seguida, a pesquisa de campo com entrevistas semiestruturadas, aplicadas as oito pessoas mais idosas da comunidade. E no terceiro momento, realizamos a transcrição das entrevistas e a análise dos dados à luz da historiografia da Amazônia. Nas falas dos comunitários, as festas de folia de santo foram as lembranças mais recorrentes, especificamente, a festa de São Benedito. A Folia de São Benedito é uma manifestação identitária e memorial de um povo que desde sua chegada ao Baixo Amazonas, no século XVIII, tem buscado fortalecer sua cultura na relação com as culturas dos povos originários e dos colonizadores, bem como, com a floresta; e cujas expressões são fortalecidas a partir da luta pelo reconhecimento de sua herança afro-brasileira.

Palavras-chaves: Cultura; Identidade; Folia; Quilombo

Brazilian Afro-Amazonian Festive Scenario: the Folia de São Benedito in the Silêncio Quilombola Community in Óbidos-Pará

Abstract: In several Afro-Amazonian communities, there are factors originating from the African continent, which were recomposed and gained new accessories during the adaptation processes of these peoples who arrived in the Amazon during the Brazilian slavery period. The cultural scenarios of the remaining quilombo communities in the Amazon can be presented based on the relationship between culture, identity and memory, important themes for recording and encouraging the preservation of Afro-descendant cultural performances. In this sense, the objective of this article is to present one of these performances that takes place in the Quilombo Silêncio Remaining Community, in the municipality of Óbidos, which is in the state of Pará, and, thus, contribute to the recording and preservation of this culture. The research was developed in three stages. First, we carried out a bibliographic survey and a deepening of the theoretical

* Doutor em Teorias Literárias pela Universidade de Brasília (UnB), é professor e pesquisador na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), no Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida (PPGSAQ) e do Programa de Pesquisa e Extensão Cultura, Identidade e Memória na Amazônia (PROEXT-CIMA), do Centro de Formação Interdisciplinar da UFOPA. E-mail: itasophos@gmail.com

** Mestre em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida pela Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), é membro do Programa de Pesquisa e Extensão Cultura, Identidade e Memória na Amazônia (PROEXT-CIMA), do Centro de Formação Interdisciplinar, da UFOPA. E-mail: karinessilva@outlook.com

Itamar R. Paulino, Elian Karine S. da Silva, Cenário Festivo Afroamazônida Brasileiro: a Folia...

framework. Then, field research with semi-structured interviews, applied to the eight oldest people in the community. And in the third moment, we performed the analysis of the data in the light of the historiography of the Amazon. In the speeches of the community members, the feasts of saints were the most recurrent memories, specifically, the feast of São Benedito. The Folia de São Benedito is an identity manifestation and memorial of a people who, since their arrival in the Lower Amazon, in the 18th century, have sought to strengthen their culture in relation to the cultures of the original peoples and colonizers, as well as with the forest; and whose expressions are strengthened from the struggle for recognition of their Afro-Brazilian heritage.

Keywords: Culture; Identity; Revelry; Quilombo

Hali ya Sherehe ya Afro-Amazonian ya Brazili: Sikukuu ya Mtakatifu Benedito katika Jumuiya Quilombola ya Silêncio huko Obidos-Pará

Muhtasari: Katika jumuiya kadhaa za Waafrika-Amazonia, kuna mambo yanayotoka katika bara la Afrika, ambayo yalitungwa upya na kupata vifaa vipya wakati wa mchakato wa kukabiliana na hali ya watu hawa waliofika Amazoni wakati wa utumwa wa Brazili. Matukio ya kitamaduni ya jamii za quilombo zilizosalia katika Amazoni zinaweza kuwasilishwa kwa kuzingatia uhusiano kati ya utamaduni, utambulisho na kumbukumbu, mada muhimu za kurekodi na kuhimiza uhifadhi wa maonyesho ya kitamaduni ya asili ya Afro. Kwa mantiki hii, lengo la makala haya ni kuwasilisha moja ya maonyesho haya yanayofanyika katika Jumuiya ya Quilombo Silêncio iliyobaki, katika manispaa ya Óbidos, iliyoko katika jimbo la Pará, na, hivyo, kuchangia katika kurekodi na kuhifadhi. wa utamaduni huu. Utafiti uliendelezwa katika hatua tatu. Kwanza, tulifanya uchunguzi wa biblia na kuimarisha mfumo wa kinadharia. Kisha, utafiti wa uwandani wenye usaili usio na muundo, ulitumika kwa watu wanane wakubwa zaidi katika jamii. Na katika dakika ya tatu, tulifanya uchambuzi wa data kwa kuzingatia historia ya Amazon. Katika hotuba za wanajamii, sikukuu za watakatifu zilikuwa kumbukumbu za mara kwa mara, haswa, sikukuu ya São Benedito. Folia de São Benedito ni dhihirisho la utambulisho na ukumbusho wa watu ambao, tangu kuwasili kwao Amazoni ya Chini, katika karne ya 18, wamejaribu kuimarisha utamaduni wao kuhusiana na tamaduni za watu wa asili na wakoloni, na vile vile. na ambao usemi wao umeimarishwa kutokana na mapambano ya kutambua urithi wao wa Afro-Brazilian.

Maneno muhimu: Utamaduni; Utambulisho; Sherehe; Quilombo

Questões Introdutórias

Na Amazônia, as comunidades afro-brasileiras possuem um expressivo cenário de manifestações culturais que servem de evidenciação de suas identidades e mantêm vivas suas memórias. As comunidades quilombolas da Amazônia, cujas expressões culturais são fortalecidas a partir da luta iniciada nos anos oitenta do século XX, pelo reconhecimento de sua herança afro-brasileira, são guardiãs de um grande patrimônio histórico-cultural nacional. Várias delas localizam-se na região do Baixo Amazonas, principalmente, nos municípios paraenses de Óbidos, Oriximiná, Alenquer e Santarém. Tais comunidades têm aberto as portas para que pesquisas culturais e socioambientais sejam desenvolvidas, com a finalidade de investigar questões sobre a preservação de suas culturas na região do Baixo Amazonas.

Nessa perspectiva, há a necessidade de se registrar manifestações culturais, enquanto símbolos identitários e memoriais dessas comunidades. O esforço investigativo

Itamar R. Paulino, Elian Karine S. da Silva, Cenário Festivo Afroamazônida Brasileiro: a Folia... ocorreu na comunidade remanescente de quilombo do município de Óbidos, Estado do Pará, no norte do Brasil, de nome “Silêncio”, referente às ações de preservação de seus patrimônios, principalmente, festejos religiosos, analisando-os enquanto heranças culturais em processo de esquecimento pelos mais jovens, pois a sobrecarga de novas informações e conhecimentos contemporâneos tem interferido e provocado dificuldades na assimilação da cultura original.

Um dos mais antigos municípios da região do Baixo Amazonas, Óbidos, foi palco de levadas de escravizados fugidos e alforriados que fundaram mocambos e quilombos no interior da floresta. Situado a mil quilômetros em linha reta da capital Belém, é conhecido como “*Garganta do Amazonas*”, por situar-se às margens do Estreito do rio Amazonas, cuja largura alcança 1.800 metros, e profundidade de 90 metros na vazante, e até 100 metros na cheia.

1. Considerações iniciais sobre a escravidão na região oeste do Pará

Constitui ponto de recomposição da história da Amazônia brasileira a discussão da ocupação do interior da Amazônia por pessoas vindas do continente africano, pois a maior concentração dessa população forçada à diáspora se encontrava no litoral brasileiro. Uma das evidências da disseminação da cultura africana no norte brasileiro é o registro da presença de escravizados, fugidos ou não, nos séculos XVIII e XIX. Conforme Gomes (2015), as comunidades de fugitivos da escravidão, no Brasil costeiro e na Amazônia, conseguiram desenvolver, ainda no período colonial, modelo de sociedade que incluía ocupação territorial, prática agrícola, preservação da cultura em condições diversas e organização sociopolítica, que possibilitasse a manutenção da liberdade e o empreendimento da resistência.

O Norte do Brasil, precisamente, a região do Baixo Amazonas, recebeu milhares de africanos escravizados durante o processo de colonização, exploração e povoamento, resultante da política econômica adotada pela Coroa Portuguesa. Caracterizada pelo extrativismo e pela comercialização de drogas do sertão, como cacau, castanha do Pará, urucum, baunilha, pau-cravo, entre outros, a região necessitou de serviço braçal. Então, os portugueses utilizaram inicialmente a mão de obra escrava indígena, e depois, a de negros escravizados vindos da África. Neste sentido, Funes (1995) apresenta que:

Falar em comunidades negras, remanescentes de quilombos, no Baixo Amazonas, no Estado do Pará é remeter a uma história marcada por conflitos, resistências de cativos que romperam com a sua condição social ao fugirem dos cacoais, das fazendas de criar, das propriedades dos senhores de Óbidos,

Santarém, Alenquer e, mesmo, de Belém e outros centros urbanos. É navegar nas reminiscências vivas que marcam experiências sociais e vivências dos afroamazônidas, descendentes desses negros que constituíram seus espaços no alto dos rios Curuá, Trombetas, Erepecurú, paranãs e lagos da região, onde ser livre era possível (FUNES, 1995, p. 2).

Ainda antes da abolição, as comunidades negras no Brasil se organizaram em microsociedades, produzindo roçados e cuidando de gados de base, vivendo de extrativismo e, em alguns casos, articulando com grupos da sociedade brasileira, como indígenas, fazendeiros brancos e autoridades simpatizantes à causa da liberdade negra. Por isso, há situações em que comunidades de africanos ou remanescentes foram reconhecidas como comunidade de negros, ou vilas de roceiros negros, tendo como uma de suas atividades de resistência e sobrevivência, as trocas mercantis e interações com a economia local.

Logo depois do processo abolicionista, surgiram comunidades em que os negros se aglutinavam na mesma fazenda em que haviam trabalhado como escravos, sendo acolhidos e reconhecidos pelos próprios senhores de terra, como resultado de negociações entre eles. O que tornou essas comunidades semelhantes foi o compartilhamento de cultura, identidade e memória, e a implantação de espaços territoriais para fins de economia agrária. Também havia organizações de negros que tinham por ideal de resistência o protesto reivindicatório, cujo mote era a ocupação de terras e a invasão de fazendas, além dos grupos que, tomados da identidade nômade africana, tornaram-se migrantes permanentes (GOMES, 2015).

Além do processo abolicionista brasileiro, que provocou a fundação de várias comunidades de negros na Amazônia, dois outros eventos também devem ser considerados; o primeiro ocorreu durante a revolta da Cabanagem¹, quando escravizados que trabalhavam nas fazendas de Óbidos e Santarém estavam sendo obrigados a participar da guerra contra os cabanos. Para não participar da revolta nortista, vários escravizados fugiram para áreas remotas da floresta, evitando serem presos e obrigados a defender interesses do colonizador. Não é por acaso que uma dessas comunidades remotas tenha recebido o nome de “Silêncio”. Outro evento é a chegada de negros vindos da África, principalmente, de regiões do Congo e da Angola à Santarém, para o serviço escravizado na casa de Maria Margarida Pereira Macambira, proprietária de fazendas e

¹ A Cabanagem foi uma revolta popular ocorrida nos anos de 1835 e 1840, na então província do Grão-Pará (atual estado do Pará). O nome se refere à população de revoltosos formada por pessoas humildes (tapuios, caboclos, negros e índios) que tinham como moradias, cabanas feitas de palha às margens de rios e igarapés.

Itamar R. Paulino, Elian Karine S. da Silva, Cenário Festivo Afroamazônida Brasileiro: a Folia... famosa por castigar seus servos com *salga* [s.n.: salgadura, ato de salgar]².

Essas comunidades negras, denominadas de mocambo ou quilombo, foram fundadas com base em cinco requisitos, de acordo com Nora (1993). São eles: fugas; quantitativo mínimo de fugitivos; isolamento geográfico; moradia habitual; autoconsumo e capacidade de reprodução. A eles junta-se a forma de lida com o meio ambiente, proporcionando certa harmonia entre natureza e sociedade, gerando um modelo cultural afroamazônida singular. Isso também serve de argumento para afirmar que as culturas quilombolas são, dentre as culturas amazônidas, umas das mais emblemáticas na compreensão da história do Brasil.

De acordo com a Fundação Palmares, no Brasil, até 2018, foram registradas e certificadas com a expedição de suas certidões, 3.040 Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQs), conforme atesta a Portaria Nº 122/2018, publicada no Diário Oficial da União (DOU) de 26 de abril de 2018. No Estado do Pará, este quantitativo é de 255 comunidades, sendo 61 estabelecidas no oeste paraense, 14 delas em Óbidos. Esse reconhecimento estatal segue o que determina a Carta Magna brasileira de 1988, em seu artigo 68, que assegura aos remanescentes das comunidades de quilombos o reconhecimento da propriedade definitiva, devendo o Estado lhes emitir os respectivos títulos.

O município de Óbidos é um dos mais antigos da região do Baixo Amazonas, palco de levadas de escravizados fugidos e alforriados que fundaram mocambos e quilombos no interior da floresta. Ele dista mil quilômetros em linha reta da capital Belém, e é conhecido como *Garganta do Amazonas*, por situar-se às margens do Estreito do rio Amazonas, cuja largura alcança 1.800 metros, e profundidade de cerca de 90 metros na vazante, e até 100 metros no período da cheia. O presente artigo é resultado de pesquisa realizada numa comunidade quilombola localizada neste município, principalmente, com registros de falas memoriais de cunho religioso, gerando pela investigação uma composição histórica a partir de suas expressões, e apontando para a importância estratégica dessa comunidade em relação às circunvizinhas.

2. Considerações metodológicas sobre a pesquisa

Uma das formas de manter em evidência as memórias dos idosos está no registro de suas narrações acerca dos momentos históricos vividos e das ocorrências

² Conforme Teixeira (1989), Maria Macambira costumava punir seus escravos mandando retalhar suas nádegas e passando sal grosso nos cortes.

Itamar R. Paulino, Elian Karine S. da Silva, Cenário Festivo Afroamazônida Brasileiro: a Folia... testemunhadas de uma época. Tais narrativas nos levam à proximidade dos fatos, bem como, apontam para o senso de pertencimento do indivíduo às suas origens. Neste sentido, a pesquisa focou na busca de conteúdos significativos, por meio de relatos, que nos possibilitou uma compreensão histórica, cultural e memorial de uma Comunidade de Remanescentes de Quilombo/Mocambo (CRQM) nomeada como Silêncio, no município de Óbidos, no oeste do Estado do Pará. Nossa pesquisa foi motivada pela ausência de registro das recordações memoriais de idosos da CRQM Silêncio sobre um festejo representativo e simbólico de comunidades com ancestralidade africana. A falta de registro dessas narrações pode levar o festejo ao espaço do esquecimento, já que a comunidade tem tido dificuldades para realizar essa manifestação.

Por se tratar de uma pesquisa que implicou em coleta de informações por meio de registro descritivo de narrativas ocorridas durante entrevistas, a abordagem foi qualitativa (MINAYO, 2001), e se intentou investigar um evento festivo existente em uma comunidade quilombola da região do Baixo Amazonas, analisando o universo de significados, motivo, aspirações, crenças, valores e atitudes, aspectos estes que compõem o universo simbólico e espiritual da comunidade, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis estatísticas e matemáticas. Além da abordagem qualitativa, a pesquisa implicou em registro escrito a partir da história oral que, que segundo Queiroz (1987) tem sido a maior fonte de conservação e difusão do saber humano através dos séculos, ou seja, a maior fonte de dados para as investigações sobre a sociedade e a natureza. Quanto à memória, ela está vinculada à afirmação das identidades africanas em situação de diáspora, enquadradas em um recorte sobre suas tradições religiosas e que, apesar do desterro compulsório, se mantiveram e se mantêm vivas no cenário amazônida brasileiro. Neste caso, ressalta-se que:

A história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p. 17).

Para compreender a memória festiva dos comunitários da CRQM Silêncio, principalmente, a Festa de Santo que nela acontece é fundamental investigar o processo de preservação do evento por seus participantes para compor o que suas memórias recordam do passado e as (re)significações ocorridas para manter viva a tradição. Neste sentido, nossa abordagem historiográfica visa precisamente inserir na história da

Itamar R. Paulino, Elian Karine S. da Silva, Cenário Festivo Afroamazônida Brasileiro: a Folia...

Amazônia, a história da diáspora africana para a região, visto que o registro desse movimento propõe preservar a história de um povo por meio de suas tradições festivas que sobrevivem em meio às transformações do mundo atual.

Os registros de narrativas e depoimentos dos sujeitos sociais locais são formas de abordagem metodológica que instrumentalizam e coadjuvam o pesquisador, ao mesmo tempo em que torna o sujeito depoente e sua fala, os protagonistas do que se intenta registrar a partir do que é narrado ou oralizado considerando o que a memória ainda possibilita não deixar no esquecimento. Em nossas visitas à CRQM Silêncio foram entrevistadas oito pessoas, apresentadas como as mais antigas da comunidade, na faixa etária de 60 a 90 anos. Para isso, foi produzido um roteiro de entrevistas de cunho qualitativo com trinta e duas questões.

A pesquisa foi desenvolvida em três momentos. Primeiramente, realizamos o levantamento bibliográfico e o aprofundamento do referencial teórico. Em seguida, a pesquisa de campo com questionário semiestruturado aplicado na forma de entrevistas, sendo por isso gravadas as falas para que, a partir da degravação, as narrativas pudessem servir de objeto de análise e seus dados nos ajudassem a melhor investigar o valor, o significado e a necessidade de existir do evento festivo afroamazônida da CRQM Silêncio. No terceiro momento, com a degravação e a transcrição das entrevistas, analisamos os dados à luz da historiografia da Amazônia, para que pudéssemos expor um possível cenário festivo afroamazônida da Folia de São Benedito como expressão de religiosidade africana sob as condições de diáspora, e que receberam fortes influências culturais do ambiente da floresta amazônica, onde residem vários povos originários, e também residem descendentes de portugueses.

3. Silêncio: mocambo nascido na região do Baixo Amazonas

Reconhecida pela Fundação Palmares no ano de 2013 como Comunidade de Remanescentes de Quilombo/Mocambo³ (CRQM), o Silêncio recebeu a portaria juntamente com as comunidades São José, Matá, Cuecé, Apuí e Castanhaduba, que receberam o nome formal de Comunidades de Remanescentes de Quilombos da região das Cabeceiras de São Paulo. O processo de reivindicação para que o Estado

³ A partir desse ponto, Comunidade de Remanescentes de Quilombo/Mocambo será abreviado como CRQM.

Itamar R. Paulino, Elian Karine S. da Silva, Cenário Festivo Afroamazônida Brasileiro: a Folia... reconhecesse o caráter quilombola da comunidade durou cerca de vinte anos, embora a solicitação à Fundação Palmares tenha sido feita somente no ano 2000 (Cf. Quadro 1).

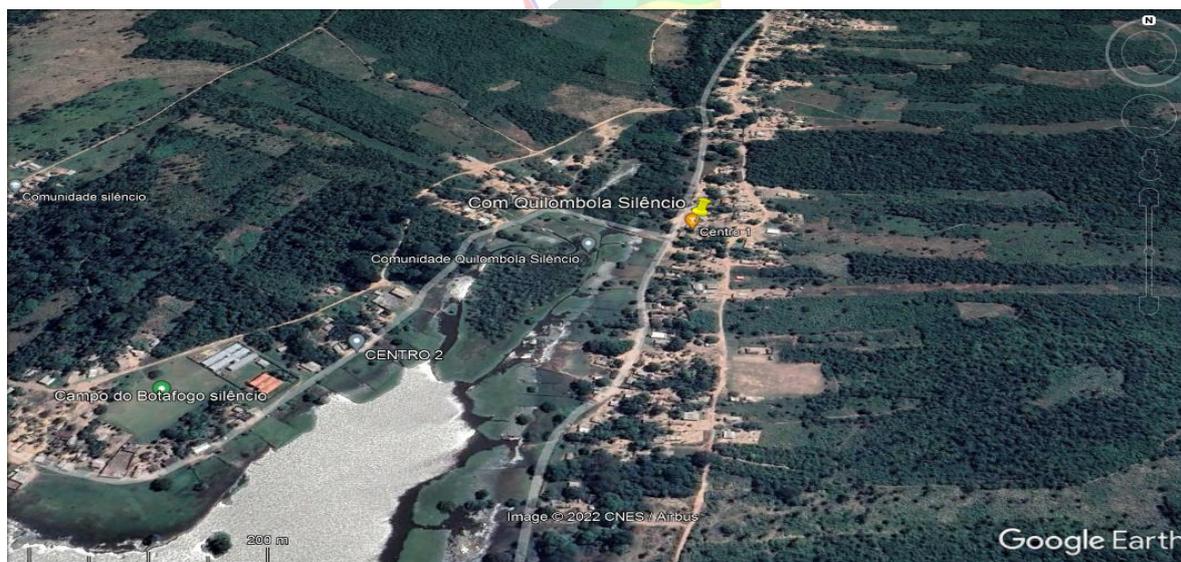
Quadro 1: Registro de Certidão expedido às Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQ) da região das Cabeceiras de São Paulo, no município de Óbidos – PA.

UF	MUNICÍPIO	COMUNIDADE	Nº PROCESSO FCP	ETAPA ATUAL PROCESSO FCP	Nº DA PORTARIA	DATA DA PORTARIA NO DOU	Nº PROCESSO INCRA	ETAPA DO PROCESSO DE TITULAÇÃO
PA	ÓBIDOS	CABECEIRAS São José, Silêncio, Matá, Cuecé, Apuí, Castanhaduba	01420.012122/2014-74	CERTIFICADA	28/2013	13/03/2013	54106.001523/1998-57	TRD Despacho de 15/07/2000 - 18/07/2000

Fonte: Fundação Cultural Palmares (2022)

A CRQM Silêncio está situada no município de Óbidos, estado do Pará, na região do Baixo Amazonas, na continuação do Igarapé Grande a partir da primeira entrada à margem esquerda do rio Amazonas, nas cabeceiras de São Paulo, e dista três a quatro horas de barco, tipo bajara, do Porto de Óbidos.

Figura 1: Vista aérea da CRQM Silêncio.



Fonte: Google Earth (2022)

Com uma população de 1.321 habitantes, a CRQM Silêncio possui 122 domicílios. Conforme Azevedo (2002), Silêncio é constituída de pequenas famílias de negros que iniciaram sua organização comunitária construindo habitações de palha, os mocambos, ainda no século XVIII, mais precisamente em 1755, período em que ocorriam fugas e

Itamar R. Paulino, Elian Karine S. da Silva, Cenário Festivo Afroamazônida Brasileiro: a Folia... alforrias de escravizados da região do *Paraná de Baixo*⁴ e de outras regiões dos municípios de Óbidos e Santarém. Silêncio é uma comunidade formada por escravizados libertos, fugidos e agregados, que decidiram habitar um local no interior da floresta conhecido como *Cabeceiras* de São Paulo. O local fica distante do rio Amazonas, o que dificultava o acesso de proprietários de escravizados e capitães do mato à comunidade.

A visita *in loco* nos permitiu compor um registro da memória coletiva da CRQM Silêncio para fins de preservação, valorização e manifestação de sua pertença étnico-cultural ao continente africano, e para confirmar sua existência social e seu dinamismo cultural na região do Baixo Amazonas. Silêncio detém um rico patrimônio sociocultural africano mesclado com elementos socioculturais indígenas como danças, músicas, comidas, vestimentas e festividades. Edithe Vieira, escritora de origem quilombola, e que em vida costumava dizer ser de *lá das bandas do Silêncio*, afirma em suas memórias a herança africana na Amazônia:

Como calar diante da sabedoria tamanha de nossos irmãos caboclos, ribeirinhos, centreiros, que no seu dia a dia nos oferecem a graça de conhecimentos aprendidos duramente no universo de matas, florestas, campos gerais, rios, igapós e igarapés, e também nas bancas de curandeirismos e nas conversas de comadres que lavam roupas nas pontes; no companheirismo de pescadores, caçadores, lavradores; nos puxiruns e nas caçadas? Como calar e não registrar, enquanto é tempo, as lições desses 'professores natos', respeitadores das crenças, dos ditos populares, das superstições e religiosidades, das misturas de alimentos...? (VIEIRA, 2010, p. 185).

Reforçados com Vieira (2010), concordamos que os saberes herdados de quilombolas e mocambeiros que contribuíram para a formação das culturas afroamazônidas, não podem ser silenciados. Sua história estará sempre em recomposição, desinvenção e reinvenção, por conta de que as vozes dessas culturas não haviam sido ouvidas a partir e por meio delas, e hoje elas se impõem para contar e desinventar sua história.

4. Memória festiva dos comunitários da CRQM Silêncio: Festas de Santo

Defendemos que os territórios de mocambos e quilombos na Amazônia são lugares de memória que provocam sentimento de pertença cultural ao coletivo africano. Uma das

⁴ O Paraná de Baixo está situado na saída do estreito do rio Amazonas, onde se encontra a Ilha Grande, que funciona como base de um paraná, o *Paraná Mirim de Óbidos* do rio Amazonas. O Paraná de Baixo quebra a desembocadura do estreito em dois braços, um que segue em direção à cidade de Alenquer, abastecendo e sendo abastecido pelo rio Piabas, e outro em direção à cidade de Santarém, ao encontro do rio Tapajós.

Itamar R. Paulino, Elian Karine S. da Silva, Cenário Festivo Afroamazônida Brasileiro: a Folia...
manifestações na CRQM Silêncio que congrega o senso de pertencimento à terra africana é a Folia de Santo. Sobre a origem deste festejo é importante expor que:

Introduzidas no Brasil por portugueses, ainda na época da colonização, as folias são de fato de origem egípcia, levada à Europa por espanhóis e adaptadas à cultura religiosa cristã. Os portugueses reinventaram as folias e as trouxeram para o Brasil. Nessas terras, as folias ganharam novos contornos culturais. Na Amazônia, as folias de reis são festejos que tomaram forma nos ambientes quilombolas. Em Óbidos, ocorrem as folias de santos, que se diferenciam das folias de reis realizadas nas pequenas cidades, sobretudo, nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Espírito Santo, Paraná, Rio de Janeiro e Goiás. Enquanto os grupos foliões de reis dessas cidades comemoram os festejos de Natal visitando casas, tocando músicas em louvor aos "Santos Reis" e ao nascimento de Cristo, as folias de santos em Óbidos são realizadas nas datas celebrativas do santo protetor da comunidade quilombola (PAULINO, 2016, #1).

Percebemos, pois, que os registros *in loco* confirmam que os sujeitos sociais nos espaços quilombolas e de mocambo, a custo de perdas e ganhos, estão em permanente (re)significação dos valores, crenças e interesses, adaptando-se à contemporaneidade, sem que para isso, o festejo seja levado ao esquecimento. Conforme depoimentos na comunidade, dentre as festas de santo, a de São Benedito festejada no dia cinco de outubro, é a que mais recebe destaques. O festejo é um ritual com procissões e oferendas a São Benedito, em que o santo é levado às casas dos comunitários, que devotamente o recebem com cantos e benditos, "puxações" de ladainhas e derrubada do mastro. Nos relatos e observações feitos na comunidade, destacamos o reconhecimento e a valorização pelos comunitários da cultura originada da organização dos escravizados a mais de um século nesta região, período em que foi mantida a folia de São Benedito. Silêncio tem como santo padroeiro um negro. Para melhor conhecimento sobre ele, trouxemos mais informações sobre a origem deste santo. Assim, temos:

Benedito nasceu na Sicília, província de Sanfratello, no ano de 1526, filho de Cristovão Monassero e Diana Lercan, negros africanos, vindos da Etiópia, foram escravos de servidão. Benedito foi pastor de ovelhas e lavrador, aos 18 anos resolveu consagrar-se ao senhor, mas somente com 21 anos foi chamado por um monge para viver entre os irmãos Eremitas de São Francisco de Assis, depois de 17 anos foi obrigado a se mudar para o convento dos Capuchos, onde foi escalado para ser cozinheiro, ficou nessa função até que foi eleito pelos seus irmãos de comunidade como superior do mosteiro, tendo concluído seu período como superior voltou a desenvolver suas atividades de cozinheiro. Morreu em 04 de abril de 1589 e foi canonizado em 1807. A data oficial da igreja católica para as comemorações a esse santo é dia 05 de outubro. Sua imagem veio para o Brasil no período colonial, sendo incorporado pelos escravos negros africanos, passando a ser em sua maioria, santo protetor, assim como pela sua similaridade de condição submissa como lavrador, pastor de gado e cozinheiro (MENEZES, 1959 *apud* VIEIRA, 2008, p. 54).

Essa identificação entre santos negros e pessoas negras parece explicitar uma ligação necessariamente natural. Mas não é. Conforme Oliveira (2006), a lógica aparentemente natural era, na verdade, uma lógica estratégica da Igreja Católica no Brasil, desde o século XVIII, para atrair e converter escravizados negros e seus descendentes ao cristianismo, de modo que a obediência aos princípios religiosos da igreja europeia fosse prestada sem danos sociais. Com isso, a igreja estaria cumprindo sua função disciplinadora da ordem social:

Ciente do seu papel na manutenção de uma estrutura social excludente, a Igreja multiplicou as suas ações na tarefa de inserção dos chamados “homens de cor” no interior da Críandade. A multiplicação destas ações se desdobraria também na promoção de santos pretos, que deveriam funcionar como exemplos de virtudes cristãs para os africanos e seus descendentes. O século XVIII viu intensificar-se a ação de franciscanos e carmelitas, experientes hagiógrafos no Ocidente cristão, na difusão de modelos de santidade que pudessem auxiliar na conversão de africanos e seus descendentes em função do incremento do tráfico atlântico (OLIVEIRA, 2006, p. 61).

Um dos cristãos que ganhou o *status* de *Santo Preto* foi Benedito. Sua história fora explorada pela igreja católica na busca por convertidos pretos. Filho de escravizados etíopes, levados à Sicília, província italiana, nascido em 1526, Benedito desde sua infância reservava-se em orações enquanto exercia atividade de pastoreio. Em 1564, tornou-se irmão leigo franciscano, cumprindo devoção atenciosa aos pobres. Assumiu o ofício de cozinheiro no convento onde morava, função que lhe deu o título de santo cozinheiro. Falecido em 1589, foi canonizado em 1807, e por conta da sua cor foi considerado na Europa um santo *mouro*⁵. Benedito é um dos santos mais populares no Brasil, cuja devoção foi trazida ao país pelos portugueses ainda no século XVIII. Espalhada pelo Brasil, essa devoção chegou ao coração da Amazônia em meados do século XIX, sob a forma de festa de São Benedito. Sobre o santo e sua história, Oliveira comenta que,

Em 1744, foi publicada a obra *Flor Peregrina por Preta, ou Nova Maravilha da graça*, descoberta na prodigiosa vida de São Benedito de S. Filadélfio. Religioso leigo da Província Reformada da Sicília, da mais estreita Observância da Religião Seráfica, do frade menor Frei Apolinário da Conceição, que promovia a divulgação da vida de São Benedito. Outra iniciativa ficou ao encargo do padre secular e irmão terceiro franciscano José Pereira Baião, que publicou, em 1726, a *História das Prodigiosas Vidas dos Gloriosos Santos Antônio e Benedito*, maior honra e ilustre da gente preta, também sobre a vida de São Benedito e de Santo Antônio de Categeró (OLIVEIRA, 2006, p. 61-62).

⁵ Tal adjetivo, em italiano, é usado para todas as pessoas de pele escura e não apenas para os procedentes do Oriente.

Itamar R. Paulino, Elian Karine S. da Silva, Cenário Festivo Afroamazônida Brasileiro: a Folia...

O festejo de São Benedito⁶, da CRQM Silêncio, é uma manifestação popular que ocorre desde a fundação da comunidade. É de caráter místico, cultural e religioso, preservado com todos os elementos do universo africano, como símbolos e tradições das mais remotas tribos do continente negro mescladas à cultura religiosa católica transmitida pelos Padres Capuchos (Franciscanos) da Piedade que assumiram a evangelização da margem esquerda do rio Amazonas, na região do Baixo Amazonas, durante os séculos XVIII e XIX (CANTO, 2012).

Essas caracterizações fazem da *Folia de São Benedito* um patrimônio cultural imaterial amazônida, pois patrimônio imaterial refere-se às práticas e domínios da vida social que se expressam por meio de saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas)⁷. Raimundo Felix, de 66 anos, depõe sobre a seriedade do festejo:

A festa? Era uma brincadeira que todo mundo levava a sério. Hoje em dia, inventaram essas brincadeira que nenhum indivíduo leva a sério. Nós dançava, só ia ver que nós estava dançando, quando chegava no ensaio gerár. Quando diziam vamos brincá em tár parte, no dia, todo mundo ia. Parecia orde de pai e mãe ⁸ (Raimundo, outubro 2012).



Para o senhor Raimundo, a festa de São Benedito não era apenas *um* momento, mas sim, o momento esperado do ano, espaço de demonstração de fervor, devoção incondicional, manifestação coletiva e expressões culturais marcadamente caboclas. São demonstrações de identidade legitimamente africana, louvadas por vários anos, não apenas no âmbito religioso, mas também no espaço profano. Eliade (1992) explica que diversas culturas africanas reconhecem o espaço profano apenas como um espaço existencial, diferenciando-se da cultura ocidental, que separa o sagrado do profano.

A festa de Folia de São Benedito está no calendário de festejos da comunidade, bem como, na memória dos mais antigos que, no esforço de expressar eventos memoriais do passado, relembram lugares, grupos e simbologias de sua identidade quilombola. Atualmente, as cantigas do festejo estão no domínio das pessoas idosas, implicando possível desaparecimento, pois a partir das observações *in loco* percebemos

⁶ São Benedito é representado por *Ossain*, orixá do candomblé, pai das plantas sagradas e milagrosas; e o orixá da cura, atuando em trabalhos de manutenção e restabelecimento da saúde, por meios naturais, dado o seu grau de conhecimento sobre a vegetação. Na Umbanda, *Ossain* tem sua festa realizada no dia 05 de outubro, mesma data de festejos e folias em homenagem à São Benedito.

⁷ Conceito extraído da página oficial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonio-imaterial>.

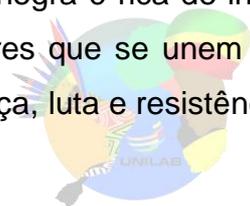
⁸ Mantivemos o texto escrito de maneira literal à narração do entrevistado (*Sic*).

Itamar R. Paulino, Elian Karine S. da Silva, Cenário Festivo Afroamazônida Brasileiro: a Folia... que a atual geração se mostra pouco interessada em suas raízes, talvez pelas mudanças sociais que surgem com a contemporaneidade ou por medo da segregação social que a sociedade brasileira ainda carrega.

A folia de São Benedito recebeu influência do Aiuê Marambiré, da comunidade quilombola Pacoval, do município de Alenquer, também no Estado do Pará. Isso, porém, não desfaz seu caráter singular. Pelo contrário, a mixórdia é própria dos grupos foliões, visto que seus festejos propõem a inclusão coletiva. Azevedo (2002) apresenta que:

O marambiré é materialização da solidariedade e do sofrimento dos negros. Traduz também a luta nos quilombos, onde a única reivindicação era: "deixem-nos viver livres!" [...] simboliza todo o sincretismo cultural e religioso característico da região e de todas as outras, na América Latina e Caribenha, que tiveram essa mistura de raças, trazendo as culturas do Congo, Angola e Moçambique à mitologia da fauna e flora da Amazônia. [...] É uma dança dramática com ritmos bem marcados que representa um cortejo real. Parece ser inspirada nos festejos da coroação de reis negros, eleitos em determinadas épocas. A dança reflete a origem africana do povoado que se estabeleceu com os escravos foragidos das fazendas e das senzalas de Santarém e Óbidos, onde puderam desenvolver toda a cultura originária da Mãe África (AZEVEDO, 2002, p. 54-55).

Como se percebe, a cultura negra é rica de inúmeras performances, resultante da mixórdia de povos, culturas e valores que se unem para formar um todo complexo que representa e marca a história de força, luta e resistência afro, e que sobrevive nos tempos atuais no tocante da Amazônia.



5. A Folia de São Benedito: um festejo de santo de identidade africana

A folia de São Benedito foi relatada como uma das comemorações mais importantes desse povoado. Trata-se, pois, de uma resistência cultural similar a de seus antepassados. No culto religioso da folia são introduzidos instrumentos, músicas e danças africanas que promovem a socialização de memórias e saberes dos afrodescendentes. Para fins didáticos, foi sugerido aos entrevistados(as) que relatassem a preparação e o festejo da última folia de São Benedito, antes do conflito de posse da imagem do santo, ocorrido em 2010, por membro guardião pertencente ao cordão, o que resultou na paralisação do festejo por pelo menos sete anos. Assim, o texto compila memórias dos anos 2008 e 2009.

Conforme relatos dos entrevistados(as), a preparação pelos brincantes da festa inicia logo após a edição anterior. A pessoa responsável pela organização é o participante que retira a bandeira colocada no topo do mastro na festa anterior. Em geral, o mastro é uma palmeira enfeitada com frutas, plantas e flores da própria floresta da comunidade. A

Itamar R. Paulino, Elian Karine S. da Silva, Cenário Festivo Afroamazônida Brasileiro: a Folia... festa tem duração de dois dias e uma noite, e obedece a um ritual próprio. Nas folias que ocorrem em Óbidos, Paulino comenta que, “os foliões se permitem ser liderados também por mulheres. Seguindo os rastros da bandeira, de cor brilhante, levada à frente da procissão por uma porta-bandeira representativa do grupo, os foliões vão de casa em casa pedir presentes para suas atividades sociais” (PAULINO, 2016, #1).

No primeiro dia, na frente da casa do guardião do santo, os foliões se reúnem pela manhã e se organizam em duas fileiras, uma de frente para a outra, e cantam preces de veneração e agradecimento ao santo. Em seguida, por meio de um apito, uma pessoa que se torna guia sinaliza aos devotos o início da procissão, que segue com cantos, e a imagem do santo sempre à frente. Manoel Azevedo dos Santos, em seu depoimento, acrescenta que “na festa, tanto do Silêncio como do Matá, butavam ele pra sair pra passiá. Sim, o São Benedito, e até outros, Santo Antôin, todo santo butavam, São Lázaro, Santa Maria” (Manoel, outubro 2012).

Na procissão, as ladainhas ganham mais melodia e entonação com instrumentos, como violão, cavaquinho, chocalhos, pandeiros e tambores. Ao chegarem às moradias para recepção do santo, os foliões param em frente a casa, e somente após uma cantiga de autorização para entrar, é que os foliões se dirigem ao interior da casa. Manoel Azevedo dos Santos relata mais detalhes sobre o festejo:

A festa era oferecida pelo promissero. Aí ele fazia aquela promessa. Então, pelo dia, aquele promissero reunia aquele povo pra fazê aquela festa. Faziam aquela alegria que a senhora gosta de vê, né? Porque era bonito mesmo! Não tinha aquele negócio de açúcar, era aquela alegria do que não tinha nada (Manoel, outubro 2012).

Enquanto isso, todos esperam ao lado de fora. O santo fica na mão de um dos promesseiros, protegido do sol com um guarda-sol, esperando para entrar na casa. É costume preparar um altar para santos. Sendo assim, há no altar um lugar para o São Benedito e outro para a santa protetora dos negros, Santa Virgem do Rosário ou Imaculada Conceição. Segundo relato de Pascoal Francisco dos Santos, “Nas casas de visita os fulião são recibidos pelos promisseros com comidas e bebidas pra agradecê a graça divina alcançada”. Ao entrarem na casa, Basilia Teixeira de Azevedo, relata que:

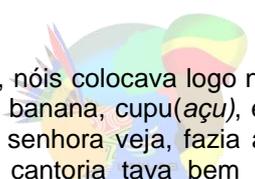
Os foliões cantava aquelas lindas ladainhas oferecendo ao santo e todos os devotos na posição iguá ao do comércio da procissão, um de frente pro outro em duas fileiras. E quando a cantoria da prece acabava, os devotos, cada um, chegava até o Santo Benedito e se benze beijando a fita amarrada nos pés do santo ou pegando no manto brilhoso (Basilia, outubro 2012).

No segundo dia, a visita do santo é feita nas casas por onde a procissão não havia

Itamar R. Paulino, Elian Karine S. da Silva, Cenário Festivo Afroamazônida Brasileiro: a Folia... passado, repetindo o ritual do primeiro dia, para que todos os devotos pudessem ter suas casas abençoadas por São Benedito. Sobre as letras das canções, Paulino expõe que,

Nem sempre é possível compreender as letras das canções de folia por conta do caos sonoro decorrente de variações rítmicas ocorridas ao longo dos tempos, de contornos de origem africana, das fortes batidas cadenciadas dos tambores e das vozes emocionais despreocupadas com a harmonia e a afinação sistemática. Entretanto, é importante saber que o som estridente das canções são “barulhos” religiosos. Barulhos que são vozes de resistência à padronização dos rituais elitistas das Igrejas cristãs (PAULINO, 2016, #1).

O terceiro e último dia da celebração é comemorado com comidas e bebidas. As comidas são: maniçoba, vatapá, galinha caipira, churrasco de carne, todos oriundos das plantações e criações da comunidade. Nesse dia ocorre a derrubada do mastro. Todos acorrem ao centro da comunidade para a derrubada, momento de invocação religiosa e agradecimento pela fartura de alimentos. Nos mastros estão penduradas as frutas oriundas da comunidade. Cada participante dá um corte de terçado na palmeira enterrada até que ela caia; em seguida, as frutas são retiradas e doadas aos participantes. Manoel Azevedo dos Santos relata essa experiência:



Se fosse na sexta-fêra a festa, nós colocava logo na quinta ou quarta-fêra, aí oh, era todo enfeitado, aí era com banana, cupu(açu), era agricultura do pessoá. Ave Maria, num quero nem que a senhora veja, fazia a derribação com o machado. Enquanto tavam cortando, a cantoria tava bem aí perto, nós tava cortando, primeiro os folião, depois o juiz, mas demorava um pouco, tava quase a noite. Todos davam uma cortada. Quando caía, ia todo mundo, se juntava pra pegá as fruta (Manoel, outubro 2012).

Após a derrubada do mastro, os participantes formam uma roda e preces são cantadas, às vezes improvisadas, às vezes conhecidas. Sobre as cantigas, Maria Pinheiro em seu depoimento relata que: “minha irmã, filha do meu pai ela aprendeu, mas eu num aprendi, mas a outra colega dela tira do livro. Elas copiaram tudo né, e elas, quando chamam elas pra coisar, rezar a ladainha, vão tirando lá do caderno né”. As cantigas dão ritmo ao festejo, fazendo alusão ao “marambiré” alenquerense e ao “tambor de crioula”, do Maranhão. Ambos receberam forte influência africana da cultura de dança e batuque⁹ do *lundu*¹⁰ e *umbigada*.

⁹ Comenta Mariani, em seu texto *African Influences in Brazilian Dance*: “O senso geral do Batuque, na África, era dançar com o som dos “tambores” e passar a vez de dançar para outro, com a “umbigada”[...]. Dança da umbigada: (região de Luanda) círculo formado por dançarinos, tendo no centro um homem negro ou uma mulher negra que, após executar várias etapas, dará uma umbigada (semba) à pessoa escolhida que o/a substitui no centro do círculo”. Tradução livre (MARIANI, 2002, p. 87).

¹⁰ Segundo Mariani, “Lundu e Baiano são formas antigas de dança “umbigada”. Lundu: é uma canção africana com dança de origem angolana, trazida ao Brasil pelos Bantu. Ela já chegou ao Brasil condenada por autoridades da Igreja por causa de seu caráter lascivo; e umbigada, é o elemento coreográfico no qual

Itamar R. Paulino, Elian Karine S. da Silva, Cenário Festivo Afroamazônida Brasileiro: a Folia...

O tambor de crioula, também serviu de influência na dinâmica da Folia de Santo da CRQM Silêncio e no Marambiré da CRQ Pacoval. Segundo Mattos (2011), o tambor de crioula é feito com participantes dançantes, que cantam versos improvisados e tocam instrumentos, tais como: tambores, reco-reco, cavaquinho, pandeiros, chocalhos e violão. Durante a performance, um dos personagens se dirige ao centro da roda, e convida outro para ficar no seu lugar até que todos danceem ao centro.

Na festa de São Benedito, com a derrubada do mastro, as pessoas participantes formam um círculo para a dança, sem foco na sensualidade africana, pois ainda que adaptações tenham ocorrido, há preocupação em evitar conflito com a igreja católica sobre gestos insinuantes. Quanto à importância de se celebrar essa festa, concordamos com Azevedo de que elas são “maior símbolo de resistência de vida cultural e de liberdade de todos os negros da Amazônia” (AZEVEDO, 2002, p. 54). Sobre o Marambiré, essa autora comenta ser:

[...] Um rito sagrado, deslumbrante, dinâmico, alegre, fascinante, sedutor e cheio de evoluções. Maravilhoso na criativa imaginação humana e divino no seu poder mítico da natureza. Maior símbolo de resistência de vida cultural e de liberdade de todos os negros da Amazônia que, invocando Olorum, nunca aceitaram a tortura nem a morte imposta pela sociedade “branca” na pessoa dos senhores de fazendas e senzalas e, principalmente, na perseguição e brutalidade cerrada do governo. É uma celebração de confraternização, com uma imensa expressão de humanidade da raça negra. Conta a história dos negros da África, com sua horticultura, e a memória dos ancestrais arrancados do seu chão cultural, jogados nos porões de navios e que morriam em protesto à tamanha violência. Seus corpos, para consolo dos irmãos negros e familiares, eram atirados ao mar, mais tarde recolhidos por tubarões. Por isso, a festa do marambiré encerra o seu ciclo de lembrança com um passeio ao rio Curuá, onde são depositadas milhares de flores coloridas ao som de músicas que exprimem angústia, paixão, lamento e dor. As águas do mar ou do rio são sagradas, uma vez que serviram de campo santo para os que foram (AZEVEDO, 2002, p. 54).

Azevedo (2002) confirma que a festa do Marambiré existe para preservar a memória negra dos tempos da escravidão. Esse também nos parece ser o propósito cultural da festa de São Benedito, na CRQM Silêncio, ao evocar o santo negro para servir de símbolo de resistência de sua luta nos torrões do Baixo Amazonas. Na composição do cordão da festa, alguns personagens foram lembrados por Manoel Azevedo dos Santos. Ele narra o papel dos participantes protagonistas do festejo, os “puxadores” da procissão, da cantoria:

Olha, naquelas alturas que o São Benedito saía, os devotos principais era o Mordomo; Juiz; Procurador; Procuradeiro; acho que o Bastião; o Mestre Embaixador, que era o que puxava o festejo, era festeiro tudo da festa, tudo isso

um convite para dançar é representado *pelo* toque dos umbigos *de um* casal. Foi à primeira dança africana *participada* pelas classes ricas da sociedade brasileira durante o século XVIII, chegando até o final do século XIX, *quando sua* popularidade entra em declínio.” Tradução livre (MARIANI, 2002, p. 88).

era com gente de compromisso, tinha responsabilidade (Manoel, outubro 2012).

A narração de Manoel sobre os participantes se assemelha às congadas que ocorrem no interior brasileiro, principalmente, em Pernambuco e Minas Gerais. Ele cita termos como mordomos, juizes, procuradores que remontam à folia de coração do rei do Congo, que ocorre em três momentos; na apresentação do santo festado, Benedito; no encontro da imagem de Nossa Senhora do Rosário que irrompe das águas; e na representação da luta de Carlos Magno contra invasões mouras. O negro outrora escravo, nas condições do tempo real, tornava-se o devoto que visava se reconciliar com o tempo dramático da escravidão. Benedito expressava a condição de escravo vencedor, e Nossa Senhora do Rosário, a santa que nunca abandonou seus filhos, apesar da dor da escravidão (COELHO, 2006). Sobre a dinâmica desses festejos, Paulino contribui com suas pesquisas:

Os grupos foliões são compostos pelos filhos reisados (representantes dos reis), ou foliões dos santos no caso dos grupos foliões de Óbidos. Há também os bastiões, encarregados de proteger a bandeira pavilhão do grupo, realizar acrobacias com seus bastões e decifrar letreiros que ficam na frente das casas a serem visitadas. Há a presença do mestre ou embaixador, organizador da logística do grupo, do trajeto, horários e instrumentos, e improvisador de versos cantados nas residências. Na folia, a manifestação do coro faz a festa ficar ainda mais bela. O grupo é composto por músicos, tocantes de instrumentos, em sua maioria confeccionados artesanalmente, tais como flauta de bambu, tambores feitos de pele de cabrito, reco-reco, rabeça produzida de forma rústica. Em certas regiões, há também a presença da viola, do acordeão, sanfona, gaita ou pé-de-bode (PAULINO, 2016, #1).

Outra característica do festejo são as vestimentas dos foliões. Embora os depoentes tenham manifestado que boa parte das características das vestimentas tenha se perdido ao longo do tempo, registros apontam que homens se vestiam com calça social e camisa branca, enquanto que as mulheres usavam saião, feito de tecido de chita, com detalhes de fitas coloridas penduradas. Nas últimas festas, entretanto, a vestimenta feminina foi trocada por roupa comum, saia de várias cores e blusa branca com a imagem de São Benedito.

Além da vestimenta, estão presentes acessórios que embelezam os foliões. Os principais são colares e enfeites na cabeça parecendo chapéu com detalhes de papel crepom, fitas coloridas e flores naturais retiradas de seus jardins. O corpo da imagem do santo é envolvido por fitas multicores e vestido com um manto branco brilhoso; e a coroa dourada fixada na cabeça. A festividade finaliza com uma procissão luminosa com velas, que tem início na última casa visitada pelo santo, até chegar ao barracão da comunidade à noite, ponto final de encontro de todos os participantes, e local da última reza. É esse

Itamar R. Paulino, Elian Karine S. da Silva, Cenário Festivo Afroamazônida Brasileiro: a Folia...
festejo que mantém viva a coesão social, cultural e de ancestralidade dos povos quilombolas e mocambeiros da CRQM Silêncio da Amazônia, um festejo a ser eternizado como Patrimônio Cultural da Amazônia.

Considerações Finais

A partir dos relatos e observações coletados, destaca-se a importância em reconhecer e valorizar o cenário afroamazônida da festa de São Benedito na CRQM Silêncio, que tem sua manifestação ameaçada ao desaparecimento, devido a um sério processo de desvalorização das raízes culturais da comunidade, resultante da invasão de festejos culturais contemporâneos arredios a modelos tradicionais. Ora, o território brasileiro em sua imensidão, tem registro oficial de mais de duas mil comunidades reconhecidamente quilombolas. Por isso, é preciso promover urgentemente o reconhecimento das manifestações culturais advindas dessas comunidades.

O festejo de São Benedito integra o universo cultural afro da comunidade Silêncio, no coração da Amazônia, e possui uma diversidade cultural rica e ainda carente de registros e reconhecimento. Contudo, para que isso aconteça, é preciso manter registros que facilitem a elaboração de um inventário para uma possível salvaguarda memorial da comunidade, e assim torná-la referência para outras que ainda não possuem materiais de registro dos seus acontecimentos históricos.

Porém, mais do que registros, é necessário criar formas pelas quais as comunidades quilombolas consigam resistir ao calor dos tempos atuais, que nos parecem meio refratários às manifestações tradicionais, produzindo seus festejos nos limites da modernização para que sua história não caia no esquecimento, como por exemplo, as lutas pela liberdade a partir das fugas, das alforrias e das agregações diversas que simbolizam sua resistência.

Os resultados aqui apresentados possibilitam perceber a importância da preservação das tradições que ainda permanecem vivas no interior da Amazônia, e que são representações simbólicas de uma comunidade tradicional, especificamente de remanescentes de escravizados, que é ameaçada pelas transformações do mundo contemporâneo. Neste sentido, os resultados evocam a importância da memória coletiva e da oralidade para a apreensão dos aspectos históricos e culturais referentes à comunidade Silêncio, pois a partir da reconstituição do passado, é possível recontar aspectos da cultura quilombola no presente.

Itamar R. Paulino, Elian Karine S. da Silva, Cenário Festivo Afroamazônida Brasileiro: a Folia...

A folia de São Benedito, além de resgatar a memória africana e recompor suas tradições, ainda que tenha recebido uma mixórdia de outras manifestações religiosas e profanas, permite um “retorno” ao passado para celebrar as vitórias no presente, bem como, fortalece as raízes culturais de um povo forte, resistente, detentor de uma cultura ímpar que fez e faz parte da construção histórica da Amazônia, do Brasil e do mundo.

Referências

AZEVEDO, Idaliana M (Org.). **Puxirum**: memória dos negros do oeste do paraense. Belém, IAP, 2002.

CANTO, Sidney Augusto. **Crônicas Pauxis**. Santarém, Tiagão, 2012.

COELHO, William. **Congada de São Benedito de Cunha-SP**: um passeio por suas raízes e sua música. São Paulo, PPGM/ECA/USP, 2016. 134p. Universidade de São Paulo. São Paulo. Dissertação de Mestrado.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Portaria FCP nº 57, de 31/03/2022, publicada no DOU de 31/03/2022**. 2022. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2015/07/tabela-crq-completa-certificadas-22-08-2022.xlsx> Acesso em 10.10.22.

FUNES, Eurípedes. **“Nasci nas matas, nunca tive senhor”**: história e memória dos mocambos do Baixo Amazonas. 1995. 456p. Departamento de História-FFLCH-USP. Universidade de São Paulo. São Paulo. Tese de doutorado. São Paulo.

GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e Quilombos**: uma História do Campesinato Negro no Brasil. São Paulo, Claro Enigma, 2015.

MARIANI, Myriam Evelyse. **African Influences in Brazilian Dance**. Em: ASANTE, Kariamu Welsh (Org). **African Dance: An Artistic, Historical and Philosophical Inquiry**. Asmara (Eritreia), AWP, 2002. Pp. 79-97.

MATTOS, Regiane Augusto de. **História da Cultura afro-brasileira**. São Paulo, Contexto, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dez./1993.

Itamar R. Paulino, Elian Karine S. da Silva, Cenário Festivo Afroamazônida Brasileiro: a Folia...

OLIVEIRA, Anderson J. Machado. **Devoção e identidades:** significados do culto de Santo Elesbão e Santa Efigênia no Rio de Janeiro e nas Minas Gerais no Setecentos. Em: Revista Topoi, Rio de Janeiro. v. 7, n. 12, jan/jun. 2006, pp. 60-115.

PAULINO, Itamar Rodrigues. **Encontro das Folias De Santo:** Bênção à Cidade Presépio. Em: Obidos.net Sessão Artigos. Artigo 3, n.p. Julho/2016. Disponível em <http://www.obidos.net.br/index.php/artigos/485-a-bisneta> Acessado em 12.06.2022.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **“Relatos orais:** do ‘indizível’ ao ‘dizível’”. Em: Ciência e Cultura. São Paulo. 39(3): 272-286, 1987. SANTOS, José L. **O que é cultura.** Col. Primeiros passos. São Paulo, Brasiliense, 1983.

TEIXEIRA, Lygia Conceição L. **Marambiré:** O negro no folclore paraense. Belém; Secult; FCPTN, 1989.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado.** São Paulo, Paz e Terra, 1992.

VIEIRA, Daniel Hudson Carvalho. **Folia de São Benedito:** um estudo de mudança em uma manifestação religiosa na comunidade do Silêncio do Matá-Óbidos (PA). 2008. 124p, Belém, PPGCS/IFCH/UFPA. Universidade Federal do Pará. Dissertação de Mestrado.

VIEIRA, Edithe Carvalho. **Amazônia:** contos, lendas, ritos e mitos. Belém, Instituto de Artes do Pará (IAP), 2010.



Recebido em: 11/10/2022

Aceito em: 23/12/2022

Para citar este texto (ABNT): PAULINO, Itamar Rodrigues; SILVA, Elian Karine Serrão da. Cenário Festivo Afroamazônida Brasileiro: a Folia de São Benedito na Comunidade Quilombola Silêncio em Óbidos-Pará. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº1, p. 72-91, jan. - jun. 2023.

Para citar este texto (APA): PAULINO, Itamar Rodrigues; SILVA, Elian Karine Serrão da. (jan./jun.2023) Cenário Festivo Afroamazônida Brasileiro: a Folia de São Benedito na Comunidade Quilombola Silêncio em Óbidos-Pará. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 3 (1): 72-91.

Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape>